

As *Ogham Stones*: fontes para o estudo da *Hibernia* e da *Britannia romana* (e pós-romana)

Then Ogham Stones: sources for the study of 'Hibernia' and 'Britannia romana' (and post-Roman Britain)

Dominique Santos*

Resumo: Uma das principais transformações ocorridas no campo historiográfico desde a constituição da História como uma ciência (*Geschichtswissenschaft*) foi a ampliação da noção de documento, que deixou de ser compreendido apenas como texto escrito para englobar qualquer indício da presença humana. Assim como outras áreas, a História Antiga também acompanhou estas mudanças, o que permitiu uma renovação das fontes, dos materiais e dos métodos para o estudo da Antiguidade. O objetivo deste artigo é apresentar algumas questões sobre um *corpus* documental pouco trabalhado pela historiografia brasileira, as *Ogham Stones*, fontes importantes da cultura material para o estudo da *Hibernia* e da *Britannia romana* (e pós-romana).

Abstract: Since the establishment of History as a Science (*Geschichtswissenschaft*), among the major transformations of historiographical field one can notice the expansion of the notion of document, no longer understood only as written texts but as any evidence of human presence. Like other areas, Ancient History also followed these changes, which led into a renewal of sources, materials and methods for the study of Antiquity. This article aims at presenting some notes about a documentary corpus little explored by Brazilian historiography, the *Ogham Stones*, important material evidence for the study of *Hibernia* and *Britannia romana* (and post-Roman Britain).

Palavras-chave:

Fontes;
Antiguidade;
Ogham Stones;
Hibernia;
Britannia romana;
Britannia pós-romana.

Keywords:

Sources;
Antiquity;
Ogham Stones;
Hibernia;
Britannia romana;
Post-Roman Britain.

Recebido em: 29/07/2016
Aprovado em: 12/09/2016

* Professor de História Antiga da Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb). Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais. As reflexões que compuseram este texto foram possíveis graças ao projeto de pesquisa "Culturas, Fronteiras e Identidades: repensando a Antiguidade entre o Mediterrâneo e o Mar da Irlanda", subsidiado pela Furb por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa (Projeto 667/2012).

A diversidade de artefatos da cultura material aos quais o historiador da Antiguidade pode recorrer para o estudo da *Hibernia* e da *Britannia romana* (e pós-romana) é considerável. Os anéis, braceletes, broches, elmos, escudos e todo tipo de armamento; vasilhames de argila e de vários tipos de metal; selos e carimbos; inúmeros *graffiti* em ânforas e *terra sigillata*; inscrições diversas, como as de *Vindolanda*; os *diplomae* militares, utilizados por veteranos para demonstração de *status*; e os marcos quilométricos, que registravam as distâncias, são apenas alguns exemplos (WOOLF, 2009, p. 54-55).

Como é possível perceber de imediato, grande parte deste material contém algum tipo de grafia. O primeiro volume do catálogo de maior referência nesta área, o *Roman Inscriptions of Britain*, pode nos fornecer uma dimensão quantitativa desta documentação, pois somente ele menciona 2401 inscrições (VANDERBILT, 2016). Por isso, a importância da epigrafia, que pode ser compreendida como o estudo de textos escritos em materiais duráveis, geralmente pedras, embora não se limite a elas.

Segundo David Schaps (2011, p. 217), este tipo de inscrição é a menor parcela do *corpus* documental escrito que possuímos da Antiguidade, mas, como foi produzido em superfícies menos susceptíveis a perecer, representa os registros mais antigos que possuímos da cultura romana no formato em que foram concebidos, “com a formação de palavras que foi utilizada, forma de soletrar, incluindo os erros, e o formato das letras, o layout visual etc.”.

De acordo com Gregory Rowe (2009, p. 27), da mesma forma que ocorreu com a literatura latina, a epigrafia romana é um fenômeno que apareceu por volta do ano 200 a.C. Trata-se de um meio pelo qual os romanos podiam expressar certos acontecimentos, selecionados para apresentação pública, ou, nas palavras do autor, a epigrafia latina funcionava como uma espécie de palco, “no qual indivíduos romanos poderiam ser vistos apresentando seus feitos e demonstrando suas virtudes”.

Este costume brevemente seria levado a todas as partes do Império. Segundo Greg Woolf (2009), a epigrafia pública romana não era confinada nem às cidades e nem aos santuários. O hábito romano de promulgar constantemente leis e decretos, de elaborar os já mencionados *diplomae*, que eram levados aonde quer que os militares fossem, e de fazer os marcos quilométricos, erigidos também em todos os lugares nos quais havia estradas romanas, fez com que a epigrafia latina fosse amplamente difundida.

A partir do contato com este costume epigráfico romano, na *Britannia* se desenvolveu o alfabeto *Ogham*, usado nas pedras que, justamente por isso, passaram a ser conhecidas na literatura específica da área como *Ogham Stones*, nas quais estão grafadas as primeiras manifestações do gaélico irlandês, *archaic irish* (ou *primitive irish*).

As *Ogham Stones* são uma resposta ao hábito epigráfico romano e foram criadas tendo em vista os sons da língua irlandesa, para dar a este idioma um *status* semelhante ao do latim. Assim, interpretamos estas interações como intercâmbios e conexões entre a *Britannia romana* e a *Hibernia*, possíveis a partir do *Irish Sea*.

Como temos abordado recentemente, em palestras e comunicações sobre esta temática em universidades como UNICAMP, FURB, UFRGS, UFFS, UFSC, no Brasil; University of Glasgow, na Escócia; e Universidad Nacional de la Rioja, na Argentina; bem como em algumas publicações recentes (SANTOS, 2015), da mesma forma que o Império Romano teve impacto sobre a Irlanda, o contrário também ocorreu. De acordo com alguns autores, com os quais temos dialogado continuamente, fortes e cidades na região do atual País de Gales, como Cardiff e Caerwent, foram construídos para impedir ataques irlandeses (ROCHE, 1993, p. 7-9). O mar da Irlanda formou “um efetivo bloco de comunicação cultural por séculos” (HARVEY, 1990, p. 14). A presença irlandesa na *Britannia* pode ser observada a partir de períodos que podem recuar ao terceiro século e avançar até às incursões vikings do sétimo século (THOMAS, 1994). Para Thomas Charles-Edwards (2000, p. 176-177), as inscrições bilíngues em *Ogham* demonstram o desejo de elevar a condição da língua irlandesa, conferindo a ela o mesmo *status* do latim. MacManus (1991, p. 61), por sua vez, acredita que os “colonizadores irlandeses” na *Britannia* “sentiram naturalmente a urgência, senão a necessidade, de se adaptarem aos costumes de seus vizinhos”. Para Dáibhí Ó Cróinín (1995, p. 33-36), os irlandeses habitantes da *Britannia* queriam mostrar que haviam assimilado a cultura do lugar onde viviam. É o que acredita Woolf (2009, p. 29). Interpretando o costume epigráfico romano de uma maneira geral, o autor afirma que adotar este costume de escrever em pedras significava uma manifestação identitária de aproximação com a romanidade, até mesmo o desejo de “tornar-se romano”.

Apesar da importância deste material específico, a epigrafia hibernica tem sido pouco contemplada nos estudos da *Britannia romana* e pós-romana, como também temos insistido em apontar (SANTOS, 2015). Mesmo a historiografia irlandesa, por exemplo, em alguns momentos a deixa de lado (STEVENSON, 1989, p. 127-165), talvez pelo fato de considerar as duas cartas escritas por Patrício, *Confessio* e *Epistola ad Milites Corotici*, como o início do “período histórico” na maior parte das narrativas sobre a História da Irlanda, uma tradição que, tal qual identificamos, percorre toda a patriciologia moderna, desde que J. B. Bury a iniciou em 1905 (SANTOS, 2013). Como se não fosse suficiente, a epigrafia também tende a se omitir com relação a esta documentação, mesmo quando aborda a Antiguidade Tardia (BRUUN; EDMONDSON, 2015). De igual modo, nos estudos sobre comunicação no Império Romano, língua latina e bilinguismo, a não ser quando muito específicos, pouco é dito sobre contextos bilíngues na *Hibernia* e na *Britannia*

romana (ADAMS, 2004), debate que o leitor poderá encontrar de forma mais aprofundada somente em áreas como a Linguística e os Estudos Célticos.

Considerando esta problemática e a chamada para este dossiê específico de *Romanitas* sobre fontes, materiais e métodos para o estudo da Antiguidade, pensamos na necessidade de abordar algumas questões sobre as *Ogham Stones*, este *corpus* documental pouco abordado no Brasil, fontes importantes da cultura material para o estudo da *Hibernia* e da *Britannia romana* (e pós-romana). Concentramo-nos em discutir alguns aspectos mais técnicos, fornecendo aos leitores, futuros estudantes e possíveis interessados na temática, os saberes e fazeres necessários para o trabalho com esta documentação, que apresentamos a partir dos tópicos a seguir.

Ogham, o equivalente irlandês da escrita epigráfica romana

Ogham Stones é um termo utilizado pelos estudiosos da área para se referirem a um conjunto de pedras erigidas nos territórios representados, atualmente, pela República da Irlanda, Ilha de Man, País de Gales, Inglaterra e Escócia. *Ogham* é uma palavra irlandesa cuja etimologia é desconhecida, mas o nome foi conferido à documentação porque ela foi escrita utilizando um alfabeto específico que leva este nome, que sabemos como funcionava devido a obras escritas a partir do século VII, como o *Auraicept na nÉces*, o *De dúilib feda na forfid* e, sobretudo, o *In Lebor Ogaim*, um tratado escrito em irlandês antigo sobre o *Ogham*.

Roderic O'Flaherty, natural de Galway, na província de Connacht, que viveu entre os séculos XVII e XVIII, colecionava manuscritos irlandeses e escreveu uma obra na qual tentava catalogar alguns eventos da História da Irlanda, sendo o primeiro historiador que conhecemos a tentar compreender a estrutura do alfabeto *Ogham*. Alguns consideram, todavia, que o estudo acadêmico do tema começou apenas com o antiquário galês Edward Lhuyd, pois ele encontrou, em 1702, a *Trabeg Ogham Stone* (CIIC 180),¹ primeiro registro deste tipo de documento em tempos modernos, enquanto o trabalho de O'Flaherty se baseava em manuscritos e no que eles relatavam sobre o *Ogham* (MOORE, 2010).

Assim como a etimologia, também não é possível precisar com exatidão a origem do alfabeto *Ogham*. A partir do conjunto dos principais manuscritos irlandeses que fazem referência a ele, o que engloba, além dos já mencionados *Auraicept na nÉces*, *De dúilib*

¹ Toda vez que a nomenclatura CIIC, sempre acompanhada de um número, aparecer neste artigo, trata-se de uma forma abreviada para *CORPUS INSCRIPTIONUM INSULARUM CELTICARUM*, nome do catálogo de inscrições célticas insulares feito por R. A. S. Macalister (1945/1996) e utilizado até hoje como referência. Os números indicam a posição ocupada por cada pedra em sua obra.

fed na forfid e *In Lebor Ogaim*, também o *Lebor Gabála Érenn*, são apontadas duas origens míticas: a narrativa mítica da Torre de Babel e a personagem da mitologia irlandesa *Oghma mac Elathan*, um membro dos *Tuatha Dé Danann* que participou da batalha de *Mag Tuired*. Na historiografia, as explicações também são múltiplas. Para Macalister (1996, p. vii), o *Ogham* foi inventado pelos druidas da Gália Cisalpina; C. Graves (*apud* MACMANUS, 1991) defendia que o alfabeto foi concebido a partir de runas nórdicas; para H. Arntz (*apud* MACMANUS, 1991), a origem do *Ogham* era a terra dos Pictos. George Montgomery (2002, p. 322-334) defende uma origem alfanumérica; Niall Mac Coitir (2012, p. 22-25) acredita em uma origem militar a partir de *Vindolanda*; James Carney (1975, p. 53-65), por sua vez, prefere uma origem política e militar, mas o alfabeto teria sido inventado para funcionar como uma cifra que os romanos não pudessem compreender. A interpretação que preferimos é a de MacManus (1991), não por acaso já mencionada no início deste artigo: o alfabeto *Ogham* foi concebido em resposta ao hábito epigráfico romano e tendo em vista os sons da língua irlandesa, conferindo a ela um *status* semelhante ao do Latim, não sendo possível delimitar nem quando e nem onde o *Ogham* foi criado. As datações mais sugeridas são do século I, para a concepção do alfabeto (CARNEY, 1975, p. 53-65); do século II, para utilização (HARVEY, 1990, p. 13-14); e do século IV, com concentração neste último período. Como veremos mais adiante, data do século IV a *Ogham* mais antiga disponível. Os lugares mais citados são a *Britannia* e a *Hibernia*. Para além desta discussão, acreditamos que o importante é não se esquecer que o *Ogham* é o equivalente irlandês da escrita epigráfica romana (MACMANUS, 1991).

Suporte material e localização geográfica

A frequente utilização do termo "*Ogham Stones*" pode sugerir ao leitor que o alfabeto sempre foi utilizado para escrever em pedras. No entanto, é preciso lembrar que, embora praticamente a totalidade da documentação disponível esteja neste tipo de suporte, o *Ogham* também aparece em outros materiais.

É o caso, por exemplo, do cabo de uma faca feito do chifre de um veado vermelho. O objeto foi encontrado em Weeting, região sudoeste de Nortfolk, em 1947, por R. F. Parrot. Em 1950, ele foi doado para o *Norwich Castle Museum*, onde permanece até hoje. O suporte contém uma escrita que tem sido interpretada como *Ogham*, embora não seja possível identificar em que idioma foi escrito, nem se se trata de alguma língua céltica (CLARKE, 1952).

Um outro objeto desta natureza é um broche de prata, encontrado em 1807, em Ballyspellan, Co. Kilkenny, na Irlanda. No reverso, há quatro linhas escritas com o alfabeto

Ogham. Embora de difícil interpretação, parece tratar-se dos nomes de quatro sucessivos donos do broche (MACALISTER, 1945/1996, CIIC 27).

Há também objetos como o de Tullycommon, Co. Clare, Irlanda, um osso metacarpal de um animal do gênero *Ovis Caprinae*, decorado com um ornamento em forma de zigue-zague, contendo uma mensagem em *Ogham* (MACALISTER, 1945/1996, CIIC 52); uma miçanga feita de âmbar, encontrada na cidade de Ennis, Co. Clare, Irlanda, agora no *British Museum*, contendo caracteres em *Ogham* (MACALISTER, 1945/1996, CIIC 53); uma plaqueta de osso de Bornish, South Uist, Escócia, e um cabo de faca feito de osso de baleia, também de Uilst, Vallay, Escócia, porém da parte norte, das escavações de Bac Mic Connain, de 1919, ambos contendo inscrições ogâmicas (CONNELLY, 2015); o caldeirão de bronze de Lough Erne, Co. Fermanagh, Irlanda, dentre outros. Quase a totalidade das inscrições utilizando o alfabeto *Ogham* disponíveis, no entanto, como já salientado, foi grafada em pedra, material capaz de fornecer várias informações.

Considerando a formação rochosa, tanto da *Hibernia* quanto da *Britannia romana*, é possível perceber que a maior parte dela é composta de três tipos de rochas: as sedimentares, das quais o arenito é o tipo mais comum; de rochas ígneas, sobretudo o granito; e de rochas metamórficas. De acordo com Clare J. Connelly (2015, p. 71-74), estes são justamente os tipos de rochas mais utilizados nas *Ogham Stones* da região. Segundo a autora, não são muitos os estudos geológicos que possam dar conta de maiores detalhes, principalmente em âmbitos mais gerais e englobando um grande número de monumentos, o que certamente auxiliaria na compreensão das *Ogham Stones*.

De fato, é preciso concordar com Connelly (2015). Porém, há alguns estudos em âmbito mais específico que servem para exemplificar o tipo de compreensão que poderia ser atingida se análises de tal natureza fossem mais frequentes e mais amplas, ou seja, se tivessem um conjunto maior de pedras como objeto de estudo. É o caso do trabalho, mais ou menos recente, produzido a partir de alguns dos resultados do *Silchester Town Life Project* (<http://www.reading.ac.uk/silchester/town-life>), da Universidade de Reading, Inglaterra, dirigido por Michael Fulford, que contou com outra arqueóloga do grupo de pesquisa em Arqueologia Social daquela instituição, Amanda Clarke, e também com o geólogo Mark Handley.

A partir dos estudos de um dos blocos, que eles chamaram de *Insula IX*, na parte norte da cidade romana *Calleva Atrevatvm*, atual Silchester, no condado de Hampshire, Inglaterra, resolveram visitar a *Ogham Stone* SILCH/1 (MACALISTER, 1945/1996, CIIC 496), descoberta na temporada de escavações de 1893 dentro do poço 1170 daquela cidade, e estudar as evidências arqueológicas, mas, sobretudo, geológicas, desta pedra, da qual o *Reading Museum* lhes concedeu um pequeno fragmento para análise (FULFORD; HANDLEY; CLARKE, 2000, p. 1-23).

Trabalhando com este material, utilizando as técnicas *Scanning Electron Microscopy* (SEM) e *Whole-rock X-ray diffraction* (XRD), os autores apresentam resultados muito detalhados. Observaram que se tratava de um arenito sedimentado com calcário glauconita, com manchas de lama (micrite), e apresentava pequenos fósseis de invertebrados e cera. Dos grãos encontrados com uso de microscópio binocular, os predominantes eram 60% quartzo, 5% glauconita, 5% calcita, grãos de cimentação e feldspato. Encontraram diversos grãos carbonáticos: moluscos; equinodermos; foroaminíferos; peloids; fragmentos de ossos e dentes, a maior parte de peixes; e espículas. Com uso de XRD data, os minerais encontrados foram 73% quartzo, 24% calcita, 1% feldspato plagioclásio e 2% feldspato potássico (FULFORD; HANDLEY; CLARKE, 2000, p. 21-22).

Segundo eles, a pedra utilizada é um arenito mesozoico oriundo de áreas próximas ao Rio Severn, de um local intermediário entre *Calleva*, *Londinium* e *Dvrovernvm*. Este é um tipo de rocha comum na cidade, pois foi também utilizada no anfiteatro (FULFORD; HANDLEY; CLARKE, 2000, p. 22). Além disso, os autores afirmam que, em lugar não muito distante, este tipo de material também serviu para a construção das muralhas defensivas de *Londinivm* e do forte de *Reculver*, no terceiro século (FULFORD; HANDLEY; CLARKE, 2000, p. 22). As evidências arqueológicas, mas principalmente as geológicas, sobretudo a partir de especificidades como a Petrologia ótica e a Litologia, permitiram aos autores classificar a *Ogham Stone* de Silchester como um “artefato romano tardio” e datar sua composição de algum momento do século IV, posterior a c. 325. Eles concluíram que “a pedra pode ter sido escrita para identificar o proprietário da casa, um imigrante irlandês” (FULFORD; HANDLEY; CLARKE, 2000, p. 19).

Como até então não tem sido possível datar com precisão as *Ogham Stones*, conforme já temos apontado, é preciso recorrer a todos os métodos possíveis. De acordo com Clare Jeanne Connelly (2015), os detalhes encontrados nas inscrições, por exemplo, têm sido utilizados para fornecer uma ideia aproximada do aparecimento e do desenvolvimento do alfabeto e também para que consigamos obter uma datação relativa, pelo menos internamente, no que diz respeito ao conjunto da documentação, comparando as inscrições umas com as outras. Recorrendo a um método comum em Arqueologia, sobretudo no trabalho com cerâmica, o de datar objetos “do mais simples para o mais complexo”, e também aos indícios paleográficos, como o surgimento de ligaduras nas letras, separação entre elas, bem como a inserção de simbologia cristã, como o desenho de cruces etc, a autora considera possível o que ela chama de uma *Ogham Timeline* (CONNELLY, 2015, p. 11), que nos permite saber mais ou menos, com uma variação de um século a dois, o período de determinada inscrição, ideia que também aparece em outros autores (MACMANUS, 1991; FORSYTH, 1996). Neste sentido, o trabalho

de Fulford, Handley e Clarke com a *Silchester Stone* não só serviu para mostrar que é possível avançar a partir do diálogo com a Arqueologia e a Geologia, mas conseguiu estabelecer uma nova perspectiva de análise cronológica para o que agora acredita-se ser a mais antiga dentre todas as *Ogham Stones* disponíveis, o que torna evidente que o estudo deste tipo de documentação precisa recorrer à interdisciplinaridade para ampliar seus resultados. Ou seja, conhecer a localização geográfica e o suporte material no qual as inscrições são feitas é fundamental.

Como a maior parte das discussões sobre a datação das *Ogham* tem se concentrado nestas evidências paleográficas e pouco tem sido desenvolvido em âmbito geológico, os *corpora* das *Ogham* conhecidas as têm dividido entre inscrições "ortodoxas", produzidas do primeiro ao sexto século, e "escolásticas", do sexto ao nono século, de acordo com o *Ogham in 3d Project*, do DIAS – *Dublin Institute for Advanced Studies* e do *Discovery Programme*, conduzido por Nora White (2016). Há também quem prefira outra divisão, denominando as primeiras "clássicas" e as segundas, "pós-clássicas" (FORSYTH, 1996).

No que diz respeito à localização e distribuição das pedras, sem entrar nos detalhes oriundos desta querela das formas históricas para a classificação das inscrições, se "ortodoxas"/"clássicas" ou então "escolásticas"/"pós-clássicas", registre-se aqui o número de inscrições relacionadas ao primeiro grupo, mais próximo do arco cronológico que abrange a discussão relacionada com o Império Romano e sua presença na *Britannia* e na *Hibernia*. Pelo mesmo motivo, também não se faz referência nem aos manuscritos com inscrições em *Ogham* e nem às inúmeras menções ao *Ogham* na literatura irlandesa medieval.

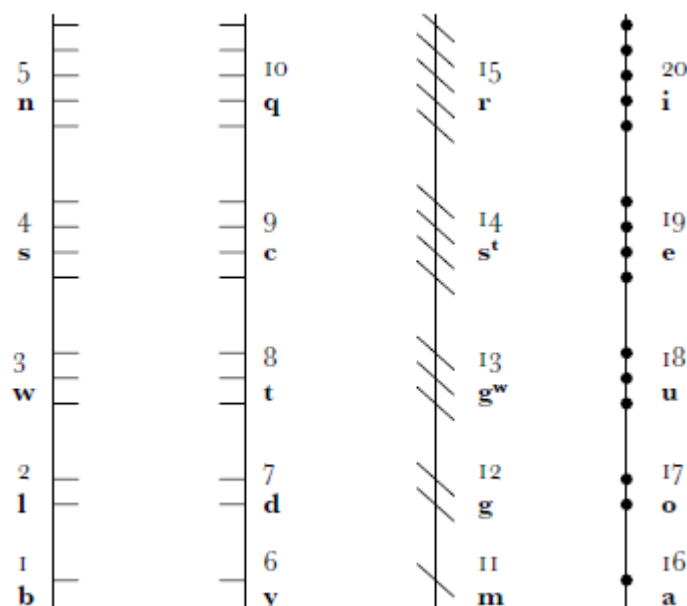
Escrevendo ainda no fim do século XX, MacManus (1991) classificou 382 inscrições pertencentes ao primeiro grupo. Destas, 330 estão na Irlanda e o restante no País de Gales, Inglaterra, Ilha de Man e Escócia. Co. Kerry, na Irlanda, é onde há mais *Ogham Stones*, 130 no total, seguido por Cork, 84, e Waterford, 48. Isto significa que, das 330 inscrições irlandesas, 262 estão no sudeste da Irlanda. Já o *Ogham in 3d Project* (WHITE, 2016), mais atual e ainda em andamento, contabiliza quantidade superior a 400 inscrições em *Ogham*, sem ainda precisar quantas. Considerando todos os catálogos disponíveis e as informações mais atualizadas (MACALISTER, 1945/1996; NASH-WILLIAMS, 1950; MACMANUS, 1991; FORSYTH, 1996; DAVIES, GRAHAM-CAMPBELL, 2016; WHITE, 2016), é possível computar 440 *Ogham Stones*: 360 na Irlanda, 35 no País de Gales, 32 na Escócia, 8 na Inglaterra e 5 na Ilha de Man, uma das dependências da Coroa Britânica. Acreditamos que, nas décadas subsequentes, este número aumentará, pois sabemos que existem novas descobertas aguardando a devida catalogação.

O alfabeto *Ogham*, suas fórmulas e o conteúdo das inscrições

As inscrições em pedra eram primeiro concebidas e fixadas em outros objetos, como peças de madeira, troncos de árvore ou tablets de cera, antes de chegar ao destino final. Um erudito, profundo conhecedor da língua irlandesa do período, chamado de oghamista, era quem elaborava as inscrições. Depois havia outro profissional, denominado de lapidário, que fixava os dizeres nas pedras (MACALISTER, 1945/1996).

Existem várias representações em imagem do alfabeto *Ogham* nas obras dedicadas ao tema. Utilizamos aqui as de Charles-Edwards (2000), disponível logo a seguir. Trata-se de marcas feitas sobre a borda de uma pedra, no caso da documentação mais antiga (ortodoxa ou clássica), que era interpretada como uma "linha" imaginária, ou em uma linha desenhada na pedra, como ocorre na documentação posterior (escolástica ou pós-clássica). A quantidade, variando de uma a cinco, e a direção, à direita, à esquerda, ou em cima da linha, das incisões é o que determinava qual letra do alfabeto estava sendo representada.

Figura 1 - O alfabeto *Ogham*



Fonte: Charles-Edwards (2000, p. 165).

Assim como o nosso alfabeto tem seu nome derivado da ordem das letras em grego, o *Ogham* se chamava *Beith Luis Nin*, nome dado por conta da sequência de suas letras. Ao todo, ele tinha vinte caracteres, em irlandês *fedá*, representando vogais e consoantes. Elas eram divididas em grupos de sinais, os *aicmí*, cada um correspondendo

a cinco delas. Na imagem acima, da esquerda para a direita, o primeiro *aicme*, contendo traços que variavam de um a cinco, corresponde às consoantes "b", "l", "w", "s" e "n", um traço para o "b", dois para o "l" e assim sucessivamente. Logo a seguir, atendendo a mesma lógica da quantidade de marcas, só que agora na direção oposta, diferenciando-o do primeiro *aicme*, temos as consoantes "h/y", "d", "t", "c" e "q". O próximo *aicme* contém as consoantes "m", "g", "gw", "st" e "r", na mesma quantidade e sequência de cinco, só que ao invés de seguir uma direção à esquerda ou à direita, os caracteres são feitos em cima da linha, no posicionamento diagonal. O último *aicme* representa as vogais: uma marca para o "a", duas para a letra "o", três para o "u", quatro para o "e", e cinco para o "i" (THURNEYSSEN, 2003). Ainda na imagem acima, Charles-Edwards (2000) apresenta o alfabeto utilizando pontos para as vogais, mas, principalmente em períodos posteriores, passou-se a utilizar barras também para fazer estes caracteres, o que poderia, inclusive, caso estas barras fossem levemente inclinadas, causar confusão entre o *aicme* das vogais e o das consoantes iniciadas em "m" (FORSYTH, 1996, xlv).

Como vimos, há centenas de *Ogham* na *Britannia romana* (e pós-romana) e na *Hibernia*, territórios que correspondem atualmente à Irlanda, País de Gales, Escócia, Inglaterra e Ilha de Man. Algumas destas inscrições são bilíngues, como a *Ogham Stone* CIIC 362, na qual lê-se: AVITTORIGES INIGENA CUNIGNI, em *Ogham* para o irlandês, e AVITORIA FILIA CVNIGNI, em latim; da CIIC 368, na qual lê-se: MAQI MUCOI DUMELEDONAS, em *Ogham* para o irlandês, e BARRIVENDI FILIVS VENDVBARI HIC IACIT, em latim; a CIIC 467, na qual podemos ler ULCAGNI, em *Ogham* para o irlandês e [HI] C IACIT VLCAGNI para o latim; e da CIIC 500, na qual temos a seguinte inscrição: [E]B[I] CATOS M[A]QI ROC[A]T[O]S, em *Ogham*, e ANMECATI FILIVS ROCATI HIC IACIT, em latim. Dentre as inscrições bilíngues, algumas pedras têm fórmulas bem maiores, apresentando uma sentença mais completa em latim, enquanto que em *Ogham* aparecem apenas os nomes próprios contidos nestas. São os casos da CIIC 353, na qual lê-se TRENACCATLO, em *Ogham*, e TRENACATVS IC IACIT FILIVS MAGLAGNI, em latim; CIIC 358, na qual lê-se VOTECORIGAS, em *Ogham*, e MEMORIA VOTEPORIGIS PROTICTORIS, em latim; CIIC 380, na qual lê-se ICORIGAS, em *Ogham*, e ICORI FILIVS POTENTINI, em latim; CIIC 422, na qual lê-se VENDOGNI, em *Ogham*, e [U]ENDOGNI [F]ILI [H]OCIDEGNI, em latim; e a CIIC 488, que nos permite ler ENABARR em *Ogham*, e DOBVNNI FABRI FILII ENABARRI, em latim.

Algumas inscrições não apresentam inscrições em *Ogham*, porém costumam aparecer nos catálogos disponíveis porque em algum momento foram indicadas como contendo este tipo de marca. É o caso da CIIC 457, na qual lê-se a inscrição DVNOCATI HIC IACIT FILI MERCAGNI, em latim. A estrutura é similar. No entanto, não é possível observar nenhum indício de inscrição em *Ogham* nesta pedra, provavelmente aparece no

catálogo de Robert A. S. Macalister (1945/1996) apenas por conter nomes célticos, já que este é o propósito de sua obra. A CIIC 473, que contém a inscrição VITALI FILI TORRICI, em latim, é o mesmo caso. Macalister (1945/1996, p. 451) acredita identificar o que restou das antigas marcas indicando as letras "M", "Q" e "I", da palavra irlandesa MAQI, o que seria parte de uma inscrição, e marcas de uma segunda inscrição, que poderia ser lida como IGNIOC. Assim, o autor até esboçou uma tentativa de reconstrução do trecho em *Ogham*, mas tal como os casos anteriores, não temos como ter certeza sobre esta questão. Um último exemplo deste tipo de Pedra é a CIIC 478, na qual lê-se: BROCAGNI IHC IACIT [N] ADOTTI FILIVS. Macalister (1945/1996, p. 457) viu nesta inscrição "duvidosos traços de *Ogham*, que podem ser lidos como BROCAGNI". Ela também aparece na obra de Charles Thomas (1994, Fig. 15.7, p. 244; Fig. 17.18, p. 297), mas outros autores já abandonaram qualquer hipótese neste sentido, "por não haver nenhum indício do alfabeto ogâmico na pedra" (OKASHA, 1993, p. 23).

Há inscrições que não apresentam qualquer mensagem em *Ogham*, mas nos auxiliam a compreender a presença irlandesa na *Britannia*, pois, apesar de escritas em latim, os nomes lembrados são irlandeses. A CIIC 326, por exemplo, nos fornece a inscrição HIC IACIT MACCV-DECCETI; na CIIC 370, lê-se: HIC IACIT VLCAGNUS FIUS SENOMAGLI; na CIIC 462, observa-se a inscrição: QVENATAVCI IC DINVI FILIVS. Há outras, por sua vez, que têm apenas mensagens em *Ogham*, sem qualquer inscrição em latim, porém contém nomes latinos escritos em irlandês. É o caso de seis *Ogham Stones* irlandesas: 1) CIIC 16, "DUN Aidonas MAQI MARIANI"; 2) CIIC 20, "MAQI DDECCEda MAQI MARIN"; 3) CII 56, "SAGITTARI"; 4) CIIC 166, "COIMAGNI MAQI VITALIN"; 5) CIIC 188, "MARIANI"; 6) CIIC 265, "AMADU". O leitor desejoso de estudar este tipo de inscrição deve se preparar para encontrar uma imensa variação ortográfica, inclusive erros do lapidário, neste *corpus* documental, muitas vezes de difícil interpretação.

No que diz respeito às principais palavras encontradas nas *Ogham Stones*, além das variações, nomes de pessoas e de localidades, elas são bastante específicas. MacManus (1991, p. 118-120) elaborou um catálogo delas em seu guia para o estudo desta documentação. Segundo ele, a grande maioria das pedras contém as seguintes palavras: ANM, que, em irlandês, significa "nome"; AVI, "neto" ou "descendente"; CELI, "companheiro" ou "cliente" (mais tarde, "seguidor"); INGENA, que só aparece uma vez e significa "filha", em irlandês; KOI, o análogo do latim *Hic Iacit (Iacet)*, significa "aqui"; MAQI, "filho"; MEMOR, que também só aparece uma vez, significa "memória", no sentido de memorial; e MUCOI, indicando o fato de alguém ser membro de uma *túath*, de pertencer a um grupo.

Estas palavras são combinadas, gerando certas fórmulas, padrões que são repetidos nas inscrições, utilizadas pelo oghamista e pelo lapidário para elaborar as mensagens

desejadas. O conteúdo destas inscrições é restrito, não nos dão informações mais amplas, como função, causa da morte, idade, etc. Geralmente, por meio destas fórmulas, sabe-se apenas o nome da pessoa rememorada. Às vezes aparece o nome do genitor ou alguma filiação tribal. MacManus (1991, p. 52) também fez um estudo sobre estas fórmulas e as registrou em ordem de frequência de aparição. O autor elaborou uma sistematização detalhada, da qual fazemos algumas alterações (nos espaços, inversão de letras por números e repetição exata da fórmula 6.1 a partir da 2.3), bem como uma proposta de tradução, para que possa ser melhor compreendida e apreciada pelo público leitor de língua portuguesa, que apresentamos a seguir. X, Y e Z substituem exemplos do que seriam nomes próprios:

- | | |
|--|--|
| 1. <i>X MAQQI Y</i> | (X filho de Y) |
| 2. <i>MUCOI</i> ² | (da posteridade de) |
| 2.1. <i>X MAQQI MUCOI Y</i> | (X filho da posteridade de Y) |
| 2.2. <i>X MAQQI Y MUCOI Z</i> | (X filho de Y da posteridade de Z) |
| 2.3. <i>X KOI MAQQI MUCOI Y</i> | (Aqui está X filho da posteridade de Y) |
| 2.4. <i>X MUCOI</i> | (X filho de Y filho da posteridade de Z) |
| 2.5. <i>X MAQQI Y MAQQI MUCOI Z</i> | (X filho de Y filho da posteridade de Z) |
| 3. Nomes isolados, sem nenhum acréscimo. | |
| 4. <i>ANM</i> : | (Nome) |
| 4.1. <i>ANM X MAQQI Y</i> | (Nome X filho de Y) |
| 4.2. <i>ANM X</i> | (Nome X) |
| 5. <i>AVI</i> : | (descendente de/neto de) |
| 5.1. <i>X AVI Y</i> | (X descendente/neto de Y) |
| 5.2. <i>X MAQQI Y AVI Z</i> | (X filho de Y descendente/neto de Z) |
| 6. <i>KOI</i> | (Aqui está) |
| 6.1. <i>X KOI MAQQI MUCOI Y</i> | (Aqui está X filho da posteridade de Y) |
| 7. <i>CELI</i> | (Companheiro/Cliente/seguidor) |
| 7.1. <i>X CELI Y</i> | (X Companheiro/Cliente/Seguidor de Y) |

² MUCOI é traduzido por “da posteridade de” por MacManus (1991, p. 52) e “descendente de”, fazendo referência a uma divindade ancestral ou figura epônima, por Fiombarr Moore (2010, p. 7; 9). Preferimos a tradução de MacManus, “da posteridade de”, possivelmente se referindo a uma *túath*, palavra que deve ser mantida em irlandês. Ou seja, não aconselhamos sua tradução por “tribo”, como alguns podem inferir a partir do inglês “Tribe”, comum na literatura da área em língua inglesa.

Brevíssimas observações sobre a literatura da área, os principais catálogos e sitegrafia

Longe de ser “um mundo sem os romanos” (RAFTERY, 1996, p. 636-653), a *Hibernia* vivia em constante comunicação com a *Britannia romana*, bem como o contrário. Da mesma forma, havia uma relação de trocas econômicas, sociais e culturais entre estas duas localidades e outras sociedades do Mediterrâneo (FREEMAN, 2001; DI MARTINO, 2003; HINGLEY, 2012). As *Ogham Stones* representam parte deste processo são um importante *corpus* documental para compreendê-lo (THOMAS, 1973; HARVEY, 1990; ROCHE, 1993).

Quem desejar se aventurar por esta área, no entanto, deve saber que a leitura da historiografia sobre a temática não basta, pois trata-se de um campo de investigação pluridisciplinar. As principais contribuições, inclusive, estão fora do campo da História, muitas vezes na Linguística e nos estudos célticos, como temos enfatizado, sendo esta segunda uma área de estudos que ainda não existe formalmente no Brasil e não é sistematizada nem em forma de departamento nem de disciplina. Sugestões iniciais sobre uma literatura, o leitor encontrará na bibliografia deste artigo. A maior parte delas pode ser alcançada a partir de ferramentas de busca como *Muse Project*, *Jstor*, *Google Academics* e *Academia.edu*.

É fundamental conhecer também os principais catálogos das *Ogham Stones*, já mencionados neste artigo em forma de referência, pois são neles que o pesquisador encontrará uma sistematização das inscrições disponíveis, sobretudo o CIIC (*Corpus Inscriptionum Insularum Celticarum*) (MACALISTER, 1945/1996); a importante obra de V. E. Nash-Williams (1950), *The Early Christian Monuments of Wales*, que reuniu várias *Ogham Stones* erigidas no País de Gales; a tese de doutorado de Katherine Forsyth (1996), defendida em Harvard, que cataloga as inscrições disponíveis na Escócia; e a obra de E. Okasha (1993), intitulada *Corpus of Early Christian Inscribed Stones of South-West Britain*.

Também é preciso considerar algumas referências fundamentais disponibilizadas virtualmente. Dentre a sitegrafia sobre o tema, referenciamos duas das principais páginas, a partir das quais se pode facilmente chegar a outras. A primeira delas é o projeto de Wendy Davies, em colaboração com James Graham-Campbell, intitulado CISP (*Celtic Inscribed Stones Project*), que teve como objetivo incluir, além de outros monumentos célticos, as inscrições em *Ogham* conhecidas oriundas de todos os países nos quais este tipo de monumento foi encontrado até o ano de 1999, data da última atualização do projeto (<http://www.ucl.ac.uk/archaeology/cisp/database/>). Para o caso irlandês, a página do *Ogham in 3d Project*, que está escaneando, processando e modelando as *Ogham Stones* e as exibindo em um catálogo digital disponível para consulta gratuita na *internet*, é fundamental (ogham.celt.dias.ie).

Considerações finais

O alfabeto ogâmico, que começou a ser escrito em madeira e outros objetos menores e depois passou a ser desenhado nas pedras, denominadas de *Ogham Stones*, é a primeira manifestação da escrita da língua irlandesa antiga, chamada de *Archaic* ou *Primitive Irish*. Trata-se de um hábito epigráfico tomado de empréstimo aos romanos para representar os sons da língua irlandesa. Possivelmente, o hábito foi desenvolvido a partir do contato com a língua latina na *Britannia romana*. Depois, quando o alfabeto já estava desenvolvido, esta forma de escrita se espalhou pelo sudeste da *Hibernia* (atual Irlanda) e foi levado de volta para a *Britannia* nos anos finais do período romano e iniciais do período pós-romano. Este *corpus* documental pouco trabalhado pela historiografia brasileira é, ao lado dos armamentos, dos vasilhames, de selos e carimbos, dos *graffiti* em ânforas e *terra sigillata*; das inscrições de *Vindolanda*, dos *diplomae* militares; e dos marcos quilométricos, uma importante fonte da cultura material para o estudo da *Hibernia* e da *Britannia romana* (e pós-romana).

Referências

- ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BRUUN, C.; EDMONDSON, J. *The Oxford handbook of Roman epigraphy*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- CARNEY, J. Early Irish literature: the state of research. *International congress of celtic studies*, p. 128-130, 1983.
- _____. The invention of the Ogom cipher. *Ériu*, v. 26, p. 53-65, 1975.
- CHARLES-EDWARD, T. M. *Early Christian Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CLARKE, R. R. An Ogham inscribed knife-handle from South-West Norfolk. *The Antiquaries Journal*, v. 32, p. 71-73, 1952.
- CONNELLY, C. J. *A partial reading of the Stones: a comparative analysis of Irish and Scottish Ogham pillar stones*. Thesis – University of Wisconsin, Milwaukee, 2015.
- DAVIES, W.; GRAHAM-CAMPBELL, J. *CISP – Celtic Inscribed Stones Project*, 1999. Disponível em: <<http://www.ucl.ac.uk/archaeology/cisp/database/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- DI MARTINO, V. *Roman Ireland*. London: The Collins Press, 2003
- FORSYTH, K. S. *The Ogham inscriptions of Scotland: an edited corpus*. Thesis – Harvard University, Harvard, 1996.

- FREEMAN, P. *Ireland and the Classical World*. Houston: University of Texas Press, 2001.
- FULFORD, M.; HANDLEY, M.; CLARKE, A. An early date for Ogham: the Silchester Ogham stone rehabilitated. *Medieval Archaeology*, v. 44, p. 1-23, 2000.
- HARVEY, A. The Ogham inscriptions and the Roman alphabet: two traditions or one? *Archaeology Ireland*, v. 4, n. 1, p. 13-14, 1990.
- HINGLEY, R. *Hadrian's Wall: a life*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- MAC COITIR, N. The Ogham alphabet: a military origin? *Archaeology Ireland*, v. 26, n. 1, p. 22-25, 2012.
- MACALISTER, R. A. S. *Corpus Inscriptionum Insularum Celticarum*. Dublin: Stationery Office, 1945/1996.
- MAcMANUS, D. *A guide to Ogam*. Maynooth: An Sagart, 1991.
- MONTGOMERY, G. The ancient origins of sign handshapes. *Sign Language Studies*, v. 2, n. 3, p. 322-334, 2002.
- MOORE, F. The Ogham stones of County Kerry. In: MURRAY, G. *Medieval treasures of County Kerry*. Kerry: Walsh Colour Print, 2010, p. 6-18.
- NASH-WILLIAMS, V. E. *The early Christian monuments of Wales*. Cardiff: University of Wales, 1950.
- NÍ BHROLCHÁIN, M. *An introduction to early Irish literature*. Dublin: Four Courts Press, 2009.
- Ó CRÓINÍN, D. *Early medieval Ireland 400-1200*. London: Longman, 1995.
- OKASHA, E. *Corpus of early Christian inscribed stones of South-West Britain*. Leicester: Leicester University Press, 1993.
- RAFTERY, B. Ireland: a world without the Romans. In: GREEN, M. J. *The Celtic world*. London: Routledge, 1996, p. 636-653.
- ROCHE, J. The influence of Ireland on Roman Britain *cursus unicus*? *Archaeology Ireland*, v. 7, n. 1, p. 7-9, 1993.
- ROWE, G. Epigraphical cultures of the Classical Mediterranean: Greek, Latin and beyond. In: ERSKINE, A. (Ed.). *A companion to ancient history*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 23-36.
- SANTOS, D. A cultura Hiberno-latina na Bretanha romana e pós-romana: evidências a partir das Ogham Stones. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434321851_ARQUIVO_Aculturahiberno-latinaversaofinal.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- _____. *How the historical Patrick was transformed into the St. Patrick of religious faith*. New York: The Edwin Mellen Press, 2013.
- SCHAPS, D. M. *Handbook for classical research*. New York: Routledge, 2011.

- STEVENSON, J. The beginnings of literacy in Ireland. *Archaeology, Celtic Studies, History, Linguistics, Literature*, v. 89, p. 127-165, 1989.
- THOMAS, A. C. And shall these mute stones speak? Post-Roman inscriptions in Western Britain. Cardiff: University of Wales Press, 1994.
- _____. Irish colonists in South-West Britain. *World Archaeology*, v. 5, n. 1, p. 5-13, 1973.
- THURNEYSEN, R. A. *A grammar of old Irish*. Dublin: DIAS, 2003.
- VANDERBILT, S. *Roman inscriptions of Britain* (RIB). Disponível em: <<http://romaninscriptionsofbritain.org/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- WHITE, N. *Ogham in 3d project, 2012*. Disponível em: <www.ogham.celt.dias.ie>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- WOOLF, G. Literacy or literacies in Rome? In: JOHNSON, W. A.; PARKER, H. N. (Ed.). *Ancient literacies: the culture of reading in Greece and Rome*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 46-68.